

Quem sou? Quem fui? Quem serei: uma chinesa em transformação na obra *Vento leste, vento oeste*

Gena Borges do Nascimento
Universidade Federal do Piauí

A obra *Vento Leste, Vento Oeste* (1931) da escritora norte-americana Pearl S. Buck aborda temáticas que vão se constituir em algumas das grandes reflexões do pensamento mundial na atualidade. Este livro, escrito ainda na primeira metade do século XX, já aponta questões de gênero, etnia, diferenças culturais, hibridismo e pertencimento, que estão presentes na construção da identidade pós-colonial e pós-moderna.

Atualmente a divisão geopolítica Ocidente X Oriente é bastante questionável, pois progressivamente as fronteiras (barreiras?) são dissolvidas em prol de interesses financeiros expansionistas. A tradição cultural é vulnerável às exigências do mercado capitalista cada vez mais em expansão. A obra *Vento Leste, Vento Oeste* retrata o momento em que a tradicional¹ sociedade chinesa começa a incorporar elementos modernos do mundo ocidental. Este processo não se dá na forma de uma assimilação pacífica, mas através de rupturas com os padrões sociais estabelecidos e o resultado é repleto de indagações, não se chegando a uma solução definitiva, mas à abertura para um mundo misto no qual as noções de hibridismo cultural e pertencimento são refletidas. Analisar estas transformações e o hibridismo presentes na obra é o objetivo deste ensaio, refletindo assim como o sujeito se forma a partir do conflito cultural quando diferentes sociedades se confrontam.

Um aspecto importante a observar é o que levanta Said (1993), ou seja, Oriente e Ocidente fazem parte de um discurso, são construções ideológicas produzidas pelos indivíduos. Esse discurso é o que constitui o Orientalismo. Said observa, no entanto, que o “Oriente” não é somente uma idéia, pois há toda uma história e uma cultura de povos que estão representadas neste termo, por isso faz uma distinção entre Orientalismo Manifesto, no qual as tradições, a religião, a língua, os hábitos estão presentes e o Orientalismo Latente, que vem a ser os estereótipos construídos sobre os povos orientais. Assim, ao abordar o mundo chinês, há toda uma construção discursiva permeando a análise.

É importante observar que, ao ter como centro de referência a vida de uma chinesa, uma filha do Oriente, o livro gera uma primeira ruptura com a estrutura de pensamento que tinha no modelo ocidental o ponto inicial/central de qualquer reflexão. Said afirma que entre a

¹ Tradicional significa aqui o sentido de fortemente ritualizada nos costumes da sociedade e transmitida de uma geração a outra como patrimônio de valores nacionais ancestrais.

realidade referenciada pelos termos Oriente e Ocidente há uma expressão da dominação de um povo sobre outro; está inserido um discurso de poder em diversos graus de hegemonia.

A visão da personagem-narradora está alicerçada no Oriente, seu local de vida e as concepções que vão sendo formuladas são permeadas por esse pano-de-fundo. A narração é feita por uma chinesa de classe média alta, Kwei-Lan, que vivencia as incorporações dos padrões de modernidade do Ocidente em sua tradicional família. O livro inicia com uma frase simbólica que abre a narração: “Uma chinesa fala [...]” (BUCK, 1965, p. 15). Essa frase traz uma transformação na tradição cultural chinesa relacionada à situação da mulher, ao lhe conceder o direito de se posicionar, quebrando o silenciamento que a cultura lhe impõe, significando um processo de rompimento e início de renovação cultural.

Pertencer a uma cultura é sentir-se essencialmente ligado à vida daquela nação, da comunidade e esse é o sentimento que está profundamente satisfeito no emocional de Kwei-Lan. Assim, a identificação com toda a sua tradição familiar, é parte da essência dessa mulher chinesa, e é algo pacífico em seu espírito. No dizer da própria narradora, ela foi educada em toda a rica tradição chinesa e isso não estava passível de contestação: “Foi assim que meus pais me educaram, em conformidade a tão honrosas tradições. Nunca me assaltou a idéia de desejar ser de outra maneira. Acreditava, instintivamente, que todas as pessoas comuns deviam parecer-se comigo”. (BUCK, 1965, p. 17).

O sentimento de pertencimento é formado pela educação formal ou familiar ou ocorre também pela vivência em comunidade e, uma vez internalizado no inconsciente, passa a ser parte da natureza do indivíduo, como ser humano, um eu que existe no mundo porque encontra suas raízes em algum local e se situa em um espaço. Para Kwei-Lan, o mundo era a China, tudo o que tem valor pertence ao mundo chinês; o Exterior é algo muito “distante” que não merecia nem mesmo a curiosidade de uma chinesa. Esta era a situação em que se formou o pertencimento desta chinesa.

Com o casamento definido pelo pai dentro da tradição de matrimônios arranjados entre famílias, parecia haver uma etapa natural de continuidade da evolução social. Porém, é exatamente neste momento de possibilidade de preservação, que surge a primeira ruptura e no dizer de Derrida (1995) ocorre um descentramento da estrutura social já consolidada. É o momento em que elementos do Ocidente iniciam a sua participação na estrutura familiar através da personagem do marido de Kwei-Lan, um médico que traz a ciência do Estrangeiro. Esse chinês ocidentalizado renova a visão de mundo da chinesa. Há um questionamento e a incorporação paulatina do Ocidente em seu cotidiano.

O marco inicial deste processo ocorre de forma significativa para a sensibilidade da mulher chinesa, precisamente na noite de núpcias, na qual o marido se posiciona radicalmente contrário ao esperado de um marido chinês, pois se recusa a consumir o casamento com a relação sexual e afirma considerá-la uma pessoa igual a ele, divergindo do modelo masculino chinês. Kwei-Lan fica em uma situação de completa indefinição, pois, com o matrimônio, deixou de pertencer à família dos pais, mas como o casamento não foi consumado, ela está “deslocada”; não é mais da família natal e nem se tornou da família do marido. O ponto chave para a impossibilidade de união entre o casal estava no costume de enfaixamento dos pés das mulheres na China. Esse hábito era o ápice do padrão estético de beleza feminina e algo condenável pela visão da ciência do Ocidente, trazida pelo marido de Kwei-Lan.

Essa possibilidade de conflito já era prevista pela mãe de Kwei-Lan, Primeira Esposa de seu pai, porque o noivo da filha havia vivido em país estrangeiro e, pela experiência de vida de uma senhora chinesa que observa os costumes de seu país, sabia que, ao ver novos modos de vida há uma ampliação de horizontes e não é mais possível aceitar com tranquilidade aquilo que é imposto como natural. Quando a filha lhe relata a hostilidade do marido aos seus pés enfaixados, apesar de dizer que os recursos da sedução chinesa deveriam ser usados até o último instante, a mãe aconselha Kwei-Lan a atender aos desejos do marido e desenfaixar os pés. Mas é com desgosto que a Mãe cede, porque é consciente de que está diante de uma modernização inevitável de seus costumes.

É impossível manter o isolamento de uma sociedade em tradições fechadas durante um longo tempo. A mãe concorda com a decisão de renunciar à tradição com certa amargura: “Minha mãe ficou em silêncio por um momento, para dizer em seguida, com um ar de cansaço: - Desaperte os pés. Os tempos mudaram. Pode retirar-se. E voltou o rosto para o lado da parede”. (BUCK, 1965, p. 63). Romper uma tradição não é um processo pacífico. Há um choque inicial e pode ocorrer a imposição de uma cultura sobre a outra na busca por uma hegemonia, especialmente quando esse encontro se dá, inserido em um contexto de dominação econômica ou política.

No entanto, quando há por parte da nação um forte sentimento de nacionalidade e de pertencimento, o que se desenvolve é um processo de miscigenação, de hibridismo cultural. É um universo rico em alternativas de convivência cultural. Sobre este fato Hall comenta as novas identidades locais: “Entretanto, parece impossível que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identidades ‘globais’ e *novas* identidades ‘locais’” (HALL, 2004, p. 78).

Quando desenfaixa os pés, Kwei-Lan proporciona uma abertura para o futuro imprevisto. Mesmo que forçada pela necessidade de aceitação, traz a capacidade de conviver com o diferente de seu conjunto de valores e, portanto, rica em novas significações.

Há uma ampliação de mundo pela possibilidade de viver de um modo diferente. Hall considera que a identidade está passando por profundas modificações: “As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera” (HALL, 2003, p. 44). Essa metáfora (naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera) simboliza o acontecimento inexorável da transformação das identidades nacionais, que conduz necessariamente a novas formas de convivência e afirmação cultural a partir das diferenças; há uma situação de tensão e mistura entre os povos.

Quando Kwei-Lan fica grávida, o marido a apresenta a uma família ocidental para que a esposa aprenda hábitos ocidentais sobre a maternidade. Esse foi o primeiro contato com uma família de estrangeiros, e é um episódio representativo da diferença dos dois mundos:

A porta abriu-se repentinamente pelo lado de dentro e um grande diabo estrangeiro apareceu diante de nós com a fisionomia escancarada num largo sorriso. Reconheci que era um homem porque vestia roupas iguais às de meu marido. Mas, para meu maior horror, em vez de ter cabelos humanos, pretos e lisos, como os de toda a gente, tinha a cabeça coberta com uma lã vermelha arrepiada. Os olhos pareciam pedras lavadas pelo mar e o nariz era como uma montanha no meio do rosto. Ah! Era uma criatura horrível! Mais feio que o deus do Norte, à entrada dos Templos. (BUCK, 1965, p. 87).

Continuando o relato Kwei-Lan faz a descrição da mulher estrangeira:

Perto da janela estava sentada uma pessoa. Percebi imediatamente que devia ser a mulher estrangeira. Pelo menos, em vez de calças, ela usava um longo vestido de algodão apertado no meio da cintura por um cinto chato. Os cabelos pareciam menos feios que os do marido, porque eram lisos e assentados, se bem que de uma cor esquisita – amarelos. Também tinha um nariz muito grande, mas reto, e as mãos grandes, com unhas curtas e quadradas. Observei-lhe os pés: compridos como uma vara de bater arroz. Disse comigo mesma: ‘Com pais dessa espécie, como não serão os pobres-diabos dos ocidentais?’ (BUCK, 1965, p. 87-88).

Mas apesar de todo o estranhamento Kwei-Lan é capaz de apreciar os estrangeiros e ver neles virtudes: “Confesso, contudo, que os estrangeiros eram extremamente amáveis”. (BUCK, 1965, p. 88). Agora, a personagem já constata que, apesar de todas as diferenças, é possível uma convivência com sujeitos diferentes dos do seu povo. Outro costume que não é seguido pelo marido de Kwei-Lan, e que recebe o apoio da esposa, é o de dar o filho para ser criado pela sogra, por ser o primeiro filho da família de seu marido. Nesse caso, a

maternidade a faz avaliar a decisão sobre outro prisma, colocando-se ao lado dos seus sentimentos e não da tradição:

Ah! Imediatamente depois que deixamos a casa de seu pai, censurei meu marido por haver rompido os nobres hábitos do passado. Mas agora, mulher egoísta que sou, não tenho mais receio de romper a tradição. Só penso em meu filho. Ele será meu, só meu. Não terei necessidade de partilhar dele com vinte outras pessoas – avós e tios. Eu, sua mãe, poderei cuidar dele, dar-lhe banho, vesti-lo e conservá-lo noite e dia a meu lado.

Agora, meu marido me desembaraçou de tudo. Agradeço aos deuses o ser a mulher de um homem moderno. (BUCK, 1965, p. 94).

Kwei-Lan já não considera os modos ocidentais bárbaros diante dos nobres costumes chineses, mas o que antes aceitaria como inevitável, agora é capaz de ver como um excessivo costume social. O homem moderno tem razão em suas posições e Kwei-Lan sentiu-se feliz por poder usufruir desse novo conhecimento e está ligada a essa modernidade. O mundo exterior ao seu é uma fonte de descobertas que traz hábitos novos a sua vida e ao seu modo de encarar os valores da sua sociedade.

Bhabha avalia como fundamental a diferença, o outro, no processo de identificação do eu:

Uma resposta a minhas perguntas seria dizer que estamos agora no ponto da argumentação pós-estruturalista de onde podemos ver a duplicidade de seu próprio terreno: a estranha igualdade na diferença ou a alteridade da Identidade de que falam essas teorias. (BHABHA, 2003, p. 90).

Até este momento as modernizações ocorreram na forma segundo a qual a tradição era efetivada, ou seja, através da adaptação que é feita nos costumes chineses a partir da experiência estrangeira. O grande acontecimento de ruptura social da estrutura implantada ocorre quando o irmão de Kwei-Lan, que havia estudado no exterior, não cumpriria o acordado por seu pai sobre o casamento; muito pelo contrário, casaria com uma estrangeira e iria construir sua família na China.

Esse momento representa uma violenta alteração nos padrões da sociedade chinesa, pois uma estrangeira seria incorporada à família através do casamento com o primogênito, responsável pela transmissão das tradições pelas gerações. Há uma destruição da família de Kwei-Lan que não suporta essa completa mudança. Agora não se vivencia mais uma convivência com valores novos, mas se está diante da incorporação de novos elementos na família chinesa. Hall, refletindo sobre a importância das rupturas, assim coloca: “O que importa são as rupturas significativas – em que velhas correntes de pensamento são rompidas,

velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e termos”. (HALL, 2003, p. 131).

Sua mãe é a grande figura da perpetuação familiar e é ela a grande sofredora por essa mudança. Ver seu único filho varão, sobre o qual foi colocado todo o seu orgulho de mãe, se misturar com a raça impura dos estrangeiros é um golpe mortal em seu espírito conservador: “Vi então quanto ela se achava perturbada. Porque minha mãe era bem a velha China, sob todos os pontos”. (BUCK, 1965, p. 112).

O fragmento revela com quanta amargura ela luta para preservar as tradições em sua família e, embora sinta ser inevitável, ela repudia a modernização de seu país. A velha China não tem mais espaço diante dos novos tempos. Mesmo a contragosto, é impossível impedir o progresso que se impunha e trazia melhorias e facilidades aos hábitos do cotidiano social. Não há como manter os isolamentos que preservaram uma tradição que vinha se perpetuando por milênios na China.

Quando a estrangeira chega a casa de Kwei-Lan, esta a observa com curiosidade. Começa a refletir sobre o comportamento da ocidental, que é uma mulher que também sofre, possui expectativas, ama um homem que pertence a uma cultura estranha a ela, e, apesar das diferenças e de todo o sofrimento que ela traz para sua mãe e sua família, Kwei-Lan começa a vê-la como sua irmã: “Tomo partido abertamente contra minha mãe, eu que nunca na minha vida discuti suas ordens” (BUCK, 1965, p. 141). E depois esclarece de onde vem a força para agir dessa forma: “Foi meu marido que operou em mim essa transformação. Tanto que ousou, a despeito de todo o medo, agir contra meus antepassados em favor de meu amor.” (BUCK, 1965, p. 142). Kwei-Lan passa a conviver com dois mundos, e já é capaz de, por fidelidade a seus sentimentos, tomar uma posição, mesmo que contrária à tradição.

A identidade é formada também no processo de alteridade. Hommi Bhabha afirma que a formação do sujeito se dá no embate com a imagem do outro e com o local que este ocupa: “Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” (BHABHA, 1998, p. 76-77).

O hibridismo é um fenômeno que enriquece o painel de experiências sociais para todos os envolvidos. Hall, ao comentar o livro versos satânicos de Salman Rushdie, afirma: “[...] célebra o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação, que vêm de novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, políticas, filmes, músicas. O livro alegra-se com os cruzamentos e teme o absolutismo do Puro” (HALL, 2004, p. 92, grifo nosso). A diversidade se revela uma estratégia alternativa em que há uma valorização da

cultura nacional associada à capacidade de experimentar formas de cultura trazidas por outros povos.

Nem todos vêem o hibridismo como um avanço e o consideram uma perda dos valores nacionais. Sobre esse fato, Hall (2003), ao comentar o ressurgimento do nacionalismo e do fundamentalismo, considera que a procura por 'raízes culturais' e o retorno à ortodoxia têm sido maneiras de posicionamento de reação à massificação e imposição globalizante.

O processo de hibridismo cultural não é construído de forma linear; há contestações e tentativas de preservação daquilo que é valioso como patrimônio social e identificação nacional. Hall explicita esta dupla face do hibridismo:

A tendência em direção à 'homogeneização global', pois, tem seu paralelo num poderoso *revival* da 'etnia', algumas vezes de variedades mais híbridas ou simbólicas, mas também freqüentemente das variedades exclusivas ou 'essencialistas' mencionadas anteriormente. (HALL, 2003, p. 92; 93; 95).

A impossibilidade de ser um sujeito totalmente híbrido acontece porque a noção de pertencimento não pode ser suprimida. Para a estrangeira o processo de convivência com a cultura chinesa também é um processo de aprendizagem. A fala da estrangeira ao comentar a educação que planeja dar ao filho revela com bastante clareza essa dificuldade: "A princípio, acreditava poder fazer dele um verdadeiro chinês, mas agora sinto que lhe darei também um pouco da América, um pouco de mim mesma. Ele pertencerá aos dois lados do mundo, minha irmã, ao seu lado e ao meu, ao mesmo tempo". A noção de pertencimento está nas raízes de qualquer nacionalidade e, precisamente por isso, o hibridismo produz os seus resultados mais ricos quando há uma descoberta da diferença e não uma imposição de uma cultura como superior a outra.

A compreensão da existência de mundos diferentes está na base do hibridismo, e é sobre o enfoque da diversidade que o contato entre as culturas deve ser pensado. Quando Kwei-Lan pensa no filho de seu irmão com a estrangeira, ela reflete sobre esses dois mundos que buscam encontrar uma forma de se harmonizar e conviver:

Sinto-me perplexa em relação ao filho deles que terá, por si mesmo, de escolher seu caminho. O Leste e o Oeste, fundidos em sua carne, não o reconhecerão e o repudiarão, ambos. Creio, entretanto, que, se ele herdar a energia dos pais, saberá compreender esses dois mundos e triunfará. (BUCK, 1965, p. 203).

As sociedades refletem sua identidade; a literatura vivencia a presença do hibridismo e de todas essas questões de identidade e pertencimento expandidas com a modernidade. Castells (1996) afirma que nosso mundo, e nossa vida vêm sendo moldados pelas tendências

conflitantes da globalização e da identidade. O hibridismo cultural é parte desse processo; as nações estão se inter-relacionando e também se intra-relacionando. A diferença e a intolerância são problemáticas abordadas nos estudos realizados na contemporaneidade.

Ao abordar essas temáticas, a obra *Vento Leste, Vento Oeste* coloca, em primeiro plano, reflexões que tocam a todos nós, suscita reflexões e abre a possibilidade de grandes estudos e idéias inovadoras.

Referências

BUCK, Pearl S. *Vento leste, vento oeste*. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. V.2. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DERRIDA, Jacques. A escritura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. *A escritura e a diferença*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. Coleção Debates-Filosofia.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

SAID, Edward. From Orientalism. In: WILLIAMS, P; CHRTSMAN, L. *Colonial Discourse and Post Colonial Theory*. London: Harvestes, 1993.